

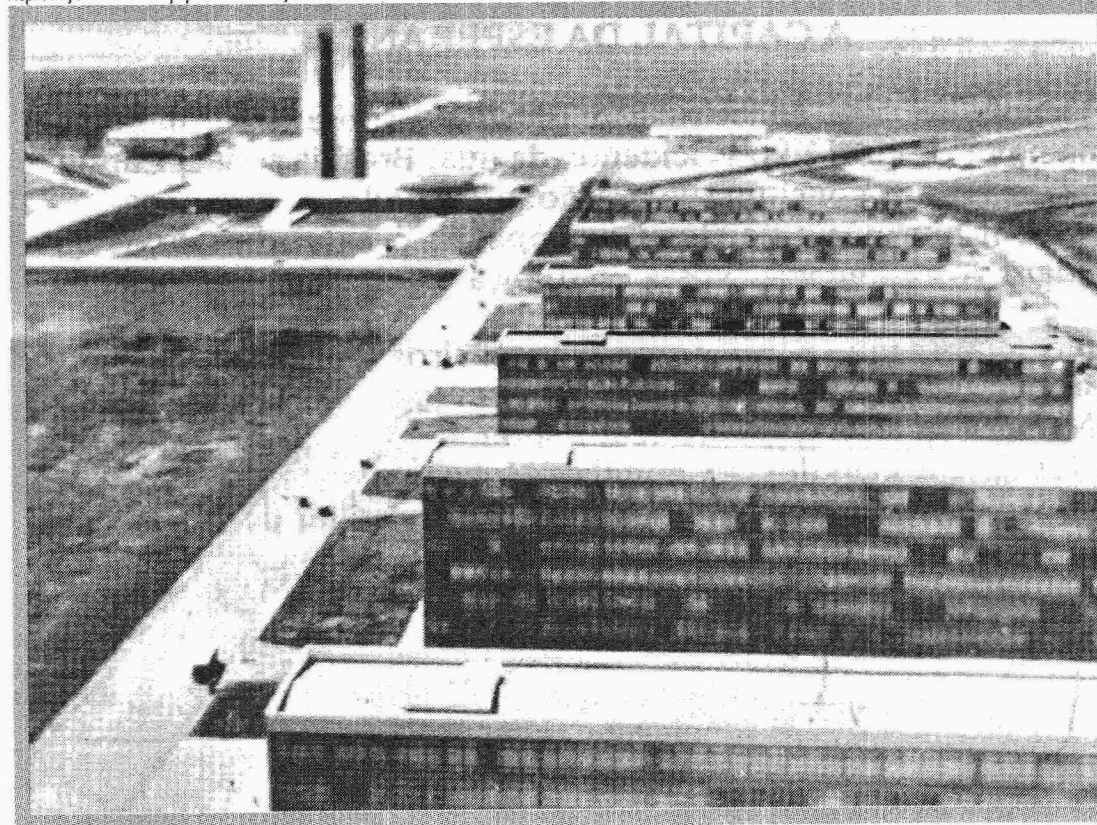
PIONEIROS



Victor Alegria

Um incentivador da cultura nos primeiros anos da nova capital

Reprodução do livro *A epopéia da construção de Brasília*



A VISTA DA ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS ERA UMA DAS PREFERIDAS DE VICTOR, QUE COMPROU LOJA NO HOTEL NACIONAL

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL DO CORREIO

Em Portugal, país de origem, Victor Alegria, hoje com 67 anos, ouvia falar de uma cidade fantástica que havia sido inaugurada como a nova capital do Brasil. Os oportunistas aproveitavam o momento e, de lá, vendiam terrenos até dentro do Lago Paranoá. Cansado das constantes perseguições da ditadura salazariana, Alegria escolheu o Brasil para se refugiar. Desembarcou no Rio de Janeiro no primeiro dia de dezembro de 1963 já com a idéia de conhecer o tão falado Distrito Federal.

A chegada na capital da República aconteceu quinze dias mais tarde. Alegria encantou-se com os grandes espaços abertos da cidade e da proximidade entre os poucos moradores que viviam aqui. “No Rio de Janeiro, como qualquer outra metrópole, mesmo acompanhado, a sensação era de que se estava sempre sozinho”, justifica.

Embora inaugurada desde abril de 1960, Brasília permanecia incompleta com várias obras a serem concluídas, algumas ainda a serem iniciadas, como a Asa Norte. “Havia apenas alguns barracos de madeira na W3 Norte”, conta. “A única com construção de alvenaria ficava na altura da 507/8 e pertencia a uma loja chamada Mundo das Tintas”, com-

pleta. Sem conhecidos aqui, Alegria hospedou-se em um hotel chamado Bagdá, que funcionava na altura da 702 Norte.

A hospedagem no pequeno estabelecimento de madeira não demorou. Decidido a permanecer no Planalto Central, Alegria alugou duas lojas na galeria comercial do Hotel Nacional. O hotel era um dos locais mais freqüentados pelas autoridades e personalidades que visitavam Brasília. Os ministros do Supremo Tribunal Federal moravam lá. Reis e rainhas, em visita oficial ao governo brasileiro, hospedavam-se no hotel. “Era uma referência de status nacional”, afirma Alegria.

O movimento intenso do hotel

atraía os moradores da cidade e agitava as lojas que funcionavam na galeria em frente à entrada principal. Na galeria funcionavam uma casa de chá, uma sapataria, o banco Lar Brasileiro, uma loja de jornais e souvenirs que se chamava A Legenda e um espaço onde eram ministrados cursos de arte. Além dos serviços e mercadorias oferecidas, o ponto possuía uma das vistas mais privilegiadas da capital. “O horizonte era perfeito, sem o Conjunto Nacional e o Conic, via-se toda a Esplanada dos Ministérios”, recorda-se o português.

Livraria Encontro

As duas lojas alugadas por Ale-

gria deram espaço a um dos mais importantes centros culturais da cidade na década de 60 — a Livraria e Galeria Encontro. Além de contar com as principais novidades literárias da época, Alegria organizava exposições de arte, conferências e outros eventos. No subsolo, havia uma estrutura pequena para apresentações teatrais.

Com poucas opções de entretenimento e cultura na cidade, a livraria tornou-se rapidamente ponto de encontro e confraternização de intelectuais, políticos e estrangeiros. Alegria fazia de tudo para não decepcionar os clientes. “O presidente Costa e Silva mandava oficiais comprarem li-

vros comigo para sua biblioteca particular”, conta. “Lembro-me de uma vez em que ele queria uma edição do livro *As Lusíadas* encadernada, difícil, e eu tive que providenciar”, conta.

A Encontro funcionava todos os dias até o último cliente, inclusive aos finais de semana, ficando aberta até as duas, três horas da manhã. Para ajudá-lo, Alegria contratava os funcionários que se ofereciam e treinava-os, tornando a livraria uma espécie de escola quando a cidade ainda não tinha nem Secretaria de Cultura. “Muitas pessoas que movimentam hoje a cultura local foram meus funcionários”, afirma.

Sem moradia certa, Alegria seguiu o exemplo de vários comerciantes da cidade e passou a viver no primeiro andar da loja.

Perseguição política

Mesmo com os períodos de crise pelos quais a cidade passava, Alegria não tinha dúvidas quanto à consolidação de Brasília como capital federal. “Era óbvio que a cidade se desenvolveria”, diz. Mas os boatos de retorno da administração federal para o Rio de Janeiro prejudicavam a todos. “A cidade passava por períodos de grande vazio, com pouquíssimo movimento nas ruas, o comércio quase parado e as construções paralisadas”, recorda-se. “Nestes períodos, dizia-se, por exemplo, que a única coisa que funcionava

C 119

PIONEIROS

Cansado da ditadura salazariana, em Portugal, o pioneiro mudou-se para o Brasil. Quinze dias depois de chegar ao Rio de Janeiro, veio conhecer Brasília e decidiu ficar



O CASAMENTO DE VICTOR COM MARIA ÍSIS FEZ COM QUE O PIONEIRO TROCASSE SOBRADINHO PELO PLANO PILOTO

“A CIDADE PASSAVA POR PERÍODOS DE GRANDE VAZIO, COM POUQUÍSSIMO MOVIMENTO NAS RUAS, O COMÉRCIO QUASE PARADO E AS CONSTRUÇÕES PARALISADAS. NESTES PERÍODOS, DIZIA-SE, POR EXEMPLO, QUE A ÚNICA COISA QUE FUNCIONAVA AQUI ERAM OS AVIÕES”

aqui eram os aviões”, comenta.

O golpe militar, segundo o português, ajudou a firmar de vez a capital em Brasília. As preocupações políticas nacionais tornaram-se outras e, além disso, era estratégico para o governo federal, com o Congresso fechado, permanecer no centro do país, longe do litoral.

Os anos de ditadura, entretanto, não foram felizes para Alegria, que havia partido para o Brasil em busca de paz. Como responsável pela venda de livros na capital federal, Alegria era mantido no alvo dos funcionários responsáveis por censurar qualquer material considerado “subversivo”. O critério de julgamento era pessoal e indiscutível. Por causa disso, Alegria foi preso duas vezes. Na primeira, o motivo foi a comercialização de uma edição comentada do livro *Diário de Che Guevara*. Alegria ficou enclausurado por dois meses e meio.

Na segunda vez, em 1976, Alegria foi preso por ser o responsável pela redação de uma coluna literária no *Jornal de Brasília*. A prisão durou cerca de quatro meses

e foi suficiente para desanimá-lo a manter a livraria Encontro aberta. “Era muito difícil trabalhar sob ameaça constante”, diz.

Em busca de uma nova moradia, Alegria comprou uma casa em Sobradinho, onde montou a gráfica e editora Coordenada. “Escolhi a cidade porque ficava na região serrana do Distrito Federal e eu gostava do clima de lá”, afirma. “As ruas da cidade ainda não eram asfaltadas e a estrada que levava até lá era uma pista de mão e contramão, muito perigosa”, completa. Vendo a cidade no tamanho que está hoje, Alegria se surpreende. “Ninguém imaginava que Sobradinho crescería porque ficava próximo à zona rural”.

Em busca de preços mais baratos, Alegria montou o depósito de livros da editora em Formosa. A gráfica passou a participar de concorrências públicas para fechar contratos com o serviço público federal. Para mostrar a infra-estrutura da empresa, Alegria ia até o Plano Piloto buscar os possíveis clientes. Os serviços gráficos sustentavam a paixão de Alegria — a

edição e publicação de livros.

Alegria permaneceu em Sobradinho por cinco anos, até casar-se com Maria Ísis Bezerra de Mello, no início da década de 80, quando passou a viver em um apartamento na 105 Norte.

A gráfica foi transferida para uma construção de madeira, no início da W3 Norte, e passou a se chamar Thesaurus. Em 1986, Alegria comprou um terreno no Setor de Indústrias Gráficas e deu início à construção do prédio de 2,5 mil metros quadrados onde a editora funciona hoje. Na década de 90, o reconhecimento de Alegria como personalidade importante da cultura literária local o levou a participar da organização da Feira do Livro, entre 1992 e 1997.

Hoje, enraizado na cidade que escolheu para viver, Alegria sonha ver aberta pelo menos uma biblioteca pública em cada cidade do Distrito Federal. Continua também a organizar encontros, exposições e conferências nas instalações da editora e a apoiar a produção literária local.

Raio X

Nome: Victor Alegria
Idade: 67 anos
Origem: Arouca, Portugal
Ano de chegada a Brasília: 1963
Profissão: Editor
Esposa: Maria Ísis Bezerra de Mello
Filhos: Tagore, Manuela Raquel, Marcelo, Andrea e Lídia Gabriela
Netos: Daniel e Suzana